

# **SPACE BUILDERS: OS DIFERENTES PONTOS DE VISTA DE FUMÓDROMO E HOMOAGRESSOR**

José Augusto de Oliveira PIRES  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Patrícia Affonso de OLIVEIRA  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**RESUMO:** Este artigo objetiva fazer uma análise das representações que os significados dos formativos -ódromo e -homo, mais especificamente o vocábulo fumódromo e o recomposto homoagressor, podem ativar de acordo com a circunstância em que se inserem, a partir de diferentes pontos de vista adotados. Utilizamos como arcabouço teórico a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) e algumas de suas concepções básicas; a saber, Base, Foco, Evento e Ponto de vista (CUTRER, 1994), assim como as noções de Frame (FILLMORE, 1982) e Modelo Cognitivo Idealizado – MCI (LAKOFF, 1987). Tendo em vista que as descrições realizadas de -ódromo e -homo na literatura mais tradicional não contemplam satisfatoriamente as novas possibilidades de construção, nosso intuito é o de demonstrar a importância de uma perspectiva teórica que os detalhe de maneira mais efetiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** MCI, Espaços Mentais, Frame, Construções, -homo, -ódromo.

## **INTRODUÇÃO**

No presente trabalho, faremos uma análise das representações que os significados dos formativos -ódromo e -homo, mais especificamente o vocábulo *fumódromo* e o recomposto *homoagressor*, podem ativar de acordo com a circunstância em que se inserem, a partir de diferentes pontos de vista adotados. Para tal, utilizaremos como arcabouço teórico a *Teoria dos Espaços Mentais* (FAUCONNIER, 1994, 1997) e algumas de suas concepções básicas; a saber, *Base*, *Foco*, *Evento* e *Ponto de vista* (CUTRER, 1994), assim como as noções de *Frame* (FILLMORE, 1982) e *Modelo Cognitivo Idealizado* – MCI (LAKOFF, 1987). Tendo em vista que as descrições realizadas de -ódromo e -homo na literatura mais tradicional não contemplam satisfatoriamente as novas possibilidades de construção que os formativos proporcionam, nosso intuito é o de demonstrar a importância de uma perspectiva teórica que os detalhe de maneira mais efetiva. Ademais, mostraremos de que maneira a mudança no ponto de vista a ser adotado tem implicações no que diz respeito à compreensão dos significados que emergem, ratificando a ideia de que *a linguagem visível é a ponta do iceberg da construção invisível do significado que tem lugar enquanto falamos e pensamos* (FAUCONNIER apud FERRARI, 2011:109).

Os dados que embasam a análise foram coletados em algumas gramáticas tradicionais, como Bechara (2004), Cunha & Cintra (2001; 2008), Rocha Lima (2007), Castilho (2010) e Perini (2010). Também usamos dicionários (a) etimológicos (CUNHA 1986; 2010); (b) eletrônicos, tais quais Aurélio (2004), Aulete (2008), Michaelis (2009) e Houaiss (2009) e (c) morfológicos (GÓIS, 1945; HECKLER *et al.*, 1981). Além dos dicionários e das gramáticas, foram utilizados o *site* de busca *Google*, o *site* *todasaspalavras.com*, o *dicionarioinformal.com* e a rede social *facebook*.

Dividimos o trabalho da seguinte maneira: a primeira seção será dedicada aos **pressupostos teóricos**, a saber: (a) **Teoria dos Espaços Mentais** (FAUCONNIER 1994, 1997); (b) as noções de **Base**, **Foco**, **Evento** e **Ponto de vista** (CUTRER, 1994), (c) **Frame** (FILLMORE, 1982) e (d) **Modelo Cognitivo Idealizado – MCI** (LAKOFF,

## *Space builders: os diferentes pontos de vista de fumódromo e homoagressor*

1987). Tais perspectivas teóricas servirão de base para demonstrar como fazemos representações parciais do significado em função do ponto de vista, assim como relacionadas às experiências humanas, pautadas em preceitos físicos e culturais, entendendo que esse significado não se dá em termos composicionais.

Já a segunda seção é destinada à **análise** propriamente dita dos termos *fumódromo*, *homoagressor* uma vez que, quando da aplicação das teorias a esses vocábulos, o intuito é o de verificar a realização dos processos que atuam no que diz respeito às situações que estão envolvidas, assim como qual(is) seria(m) a(s) motivação(ões) dos falantes para essas novas construções. Ademais, buscaremos evidenciar que (a) o sentido que emerge dessas novas construções se realiza em termos não-composicionais e que (b) a mudança no ponto de vista possui implicações no que diz respeito às diferentes concepções que podem ser ativadas, apresentando novos significados.

Na terceira e última seção – **considerações finais** – temos como propósito perpassar o trabalho como um todo, ponderando alguns fatos levantados ao longo do texto, assim como a importância dos arcabouços teóricos para futuras formações com os formativos em questão.

### 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Fundamentado em um panorama mais voltado para a dinamicidade da língua e não para a estaticidade observada nas gramáticas mais tradicionais, notamos que os estudos mais conservadores não contemplam de maneira satisfatória as palavras em questão.

Sendo assim, buscamos um arcabouço teórico que trate de uma maneira mais adequada a língua como um sistema integrado, nos quais os fatores contextuais são indispensáveis para a compreensão de palavras que estão sendo formadas, circunstância

que nos leva a adotar teorias mais abrangentes, como a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER 1994, 1997) e os quatro primitivos discursivos (CUTRER, 1994), simultaneamente às noções de *Frame* (FILLMORE, 1982) e Modelo Cognitivo Idealizado – MCI (LAKOFF, 1987).

Segundo Ferrari (2011:110), *Espaços Mentais são domínios conceituais locais que permitem o fracionamento da informação, disponibilizando bases alternativas para o estabelecimento da referência*. Dessa forma, a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER 1994; 1997) baseia-se na conexão entre linguagem e cognição, em que processos cognitivos e fatores contextuais são levados em consideração para a construção do significado. Em outras palavras, *a principal premissa da pesquisa com espaços mentais é que as mesmas operações de correspondência entre domínios atuam na semântica elementar, na pragmática e no raciocínio abstrato* (FERRARI, 2011:109). Essa relação permite a projeção ou a correspondência de um domínio em outro. A partir dessa ligação, abre-se a possibilidade para a criação de *espaços mentais* que, por sua vez, são estruturas cognitivas transitórias formadas durante o ato conversacional que *contém representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado* (FERRARI, 2011: 109). Sendo assim, tais espaços são criados a partir de determinadas expressões linguísticas, denominadas **construtores de espaços mentais** (*Space Builders*), como, por exemplo, locuções prepositivas, locuções adverbiais, morfemas modo-temporais, entre outros. Baseando-se nesses processos morfossintáticos, Cutrer (1994) propõe quatro primitivos discursivos: BASE, FOCO, EVENTO e PONTO DE VISTA. Segundo a autora, esses primitivos funcionam como princípios de organização discursiva, que operam em conjuntos de espaços e restringem os tipos de configuração possíveis. Assim, os quatro primitivos discursivos podem ser definidos como:

**José Augusto de Oliveira PIRES & Patrícia Affonso de OLIVEIRA**

**BASE(B)** – Trata-se do espaço inicial que configura a origem de qualquer organização hierárquica dos espaços. De acordo com Ferrari (2011:118),

*a BASE representa o **frame** temporal que contém o ponto de partida da conceptualização, no qual eventos ou estados são concebidos, avaliados, mensurados e/ou construídos. Assim, a BASE serve como centro de referência para o cálculo das relações dêiticas e, no que se refere à temporalidade, é sempre presente.*

Em outras palavras, o espaço que ancora o discurso na situação comunicativa imediata (falante, ouvinte, lugar e momento da enunciação) é a BASE. Desse modo, o significado passa a ser construído, negociado entre os falantes, com a possibilidade de que outros espaços sejam criados, extrapolando, assim, a situação contextual imediata, além de facultar à mente humana a formulação de hipóteses sobre situações pertencentes ao imaginário, não necessariamente existentes na realidade.

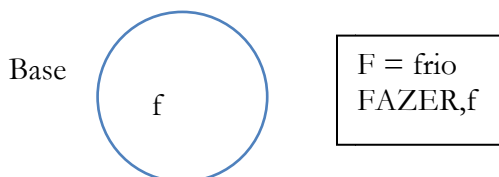
**FOCO (F)** – Trata-se do espaço no qual o significado está sendo construído. Como afirma Ferrari (2011:117) *é o espaço corrente, mais ativo; espaço ao qual a sentença se refere. O FOCO pode ser identificado por uma variedade de pistas gramaticais, como tempo e modos verbais e advérbios do tipo hoje, ontem, dentre outras pistas.*

**EVENTO (E)** – É o espaço temporal cujo evento codificado ocorre no verbo. Dito de outra maneira, *é o espaço em que a estrutura plena do verbo é construída (FERRARI, 2011:117).*

**PONTO DE VISTA (PV)** – Segundo Ferrari (2011:118), *é o centro da conceptualização e consciência do SELF (em geral, o falante) a quem a sentença é atribuída. Resulta da nossa capacidade cognitiva básica de “enxergar” as coisas mentalmente sob diferentes ângulos.*

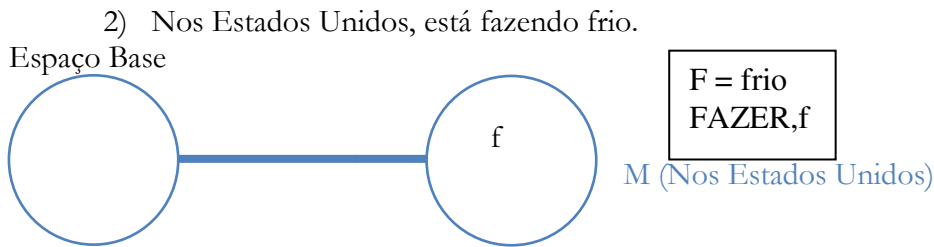
BASE, FOCO, EVENTO e PONTO DE VISTA são quatro espaços distintos na construção do processo de interpretação. No entanto, há a possibilidade de ocorrência simultânea de dois ou mais primitivos no mesmo espaço ou a distribuição dos mesmos de maneira hierárquica. Dessa maneira, *FOCO e BASE podem estar juntos ou separados; o espaço EVENTO pode ser FOCO, ou o FOCO pode estar em outro espaço. O PV pode ser BASE ou FOCO, ou, ainda, ocorrer separadamente. A distribuição de BASE, FOCO, EVENTO e PV pela configuração de espaços é dinâmica (FERRARI, 2011:118).* Vejamos alguns exemplos:

- 1) Está fazendo frio.



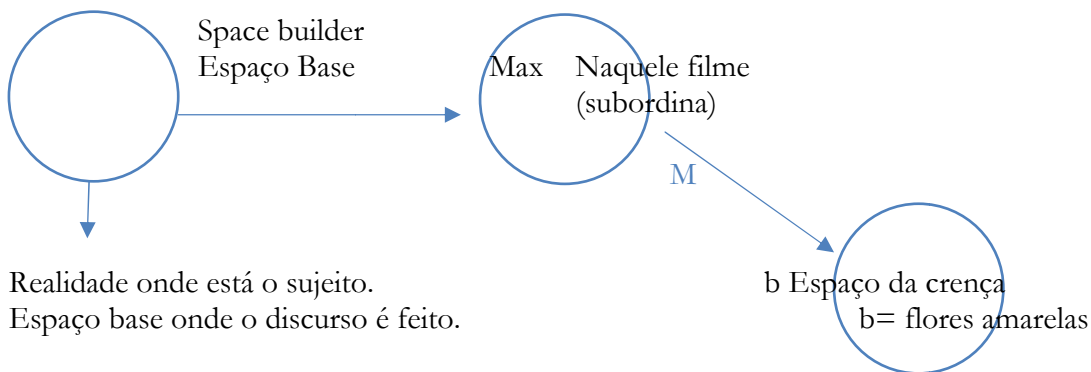
Em (1), o elemento *f* é estabelecido na BASE, pois o uso do tempo PRESENTE indica coincidência temporal entre o evento descrito e o contexto comunicativo em que a sentença é produzida. Assim, já que a sentença não apresenta expressões locativas, podemos inferir que há uma estreita relação entre o local de evento descrito e o local cuja sentença é anunciada. Já em (2), o construtor de espaço *Nos Estados Unidos* introduz um espaço diferente da BASE, que servirá de moldura referencial para a informação subsequente:

*Space builders: os diferentes pontos de vista de fumódromo e homoagressor*



No diagrama acima, o elemento *f* (*frio*) estabelece referência direta no espaço M.  
 Para Fauconnier (1987), só fazemos representações parciais do significado por causa do ponto de vista. Por isso, é necessário fracionar a informação para poder processar a representação:

(3) Naquele filme, Max acredita que as flores são amarelas



No exemplo acima, o construtor de espaço *Naquele filme* apresenta um espaço diferente da BASE, demonstrando que os quatro primitivos discursivos podem atuar em projeções diferentes. Visto do espaço BASE, que é a realidade, construímos uma representação diferente, onde está localizado o PONTO DE VISTA de Max, dentro do filme, representado pelo *space builder* *naquele filme*, e a partir dessa projeção, criamos uma terceira, que seria o local da crença de que *as flores são amarelas*.

Por sua vez, a noção de *frame* (FILLMORE, 1982) diz respeito a um *sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência* (FERRARI, 2011:50). Essa noção é concernente à interpretação das palavras ou de um conjunto de palavras relacionadas às experiências humanas, em que expectativas culturais e bases físicas estão inseridas nessas experiências. Dito de outro modo, *frame* refere-se a *enquadramentos específicos do conhecimento enciclopédico derivados de elementos que ocorrem junto da realidade* (FERRARI, 2009:16). A caracterização de *frame* permite, às pessoas, percepções, lembranças e raciocínios acerca de situações específicas para uma melhor codificação e entendimento da cena em que se inserem. Ferrari (2009:16) cita como exemplo:

“João comprou um livro” só pode ser entendida em relação ao frame de “cena comercial”, que envolve não só o comprador e a mercadoria, mas também vários elementos que compõem esse tipo de cena, como vendedor, o estabelecimento comercial e a forma de pagamento, entre outros.

**José Augusto de Oliveira PIRES & Patrícia Affonso de OLIVEIRA**

O conceito de Modelo Cognitivo Idealizado, também denominado MCI, (LAKOFF, 1987) assemelha-se ao conceito de *frame*. MCI seria uma estrutura que permite organizar nosso pensamento e nosso conhecimento, por meio de estruturas estáveis, tendo como consequência a maneira como categorizamos o mundo. Segundo Ferrari (2009:21-22), os Modelos Cognitivos Idealizados *permitem a organização radial de frames relacionados a valores e crenças compartilhados por indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade*. De acordo com Pires (prelo), a alusão a *modelo* se deve ao fato de atuar como uma representação cognitiva de base cultural armazenada na memória de longo prazo feita não de maneira individual, mas sim por membros de uma comunidade. Por sua vez, *idealizado* seria em decorrência de uma representação simplificada, ou idealizada, da realidade que, motivada por ser uma informação compartilhada pelos falantes, apresenta a estabilidade necessária para atuar como uma base cognitiva comum para a linguagem. Ferrari (2009:22) traz como exemplo, apresentado por Lakoff (1987), o entendimento que se tem em relação ao termo mãe:

*Em nível idealizado, o conceito inclui os modelos genealógico, genético, de gestação, de parto, de amamentação e de criação. Mas há usos do termo para aquela que contribui apenas com a criação (mãe adotiva), com a amamentação (mãe de leite), ou com a gestação (mãe de aluguel). Esses casos, embora relacionados ao MCI, podem ser considerados menos prototípicos, porque envolvem apenas alguns dos enquadramentos que o modelo licencia.*

Nota-se, todavia, que, muito embora apresente similaridades à noção de *frame*, os Modelos Cognitivos Idealizados são mais complexos e organizados, com a disponibilidade para atualizações *podendo, inclusive, sofrer alterações a depender de fenômenos socioculturais; o falante pode, portanto, adicionar ou retirar informações do seu MCI* (FURTADO, 2011: 25).

## 2. ANÁLISE DOS VOCÁBULOS

Com relação ao vocábulo *fumódromo* e o recomposto *homoagressor*, demonstraremos como é possível a existência de significados não-composicionais para cada um dos termos. Consideremos, no caso de *fumódromo*, que os sentidos emergentes se dão a partir de uma concepção de quem faz parte do processo – a pessoa que fuma – e de quem é externo à situação – o de quem não fuma; já para *homoagressor* o significado que emerge é sobre os que praticam a ação de agredir homossexuais, (tanto física quanto moralmente, verbalmente em ambos os casos) como também para os homossexuais que sofrem a agressão. Para tal, aplicaremos as perspectivas teóricas destacadas na seção anterior, assim como imagens retiradas do *Google*, que mostram os vários pontos de vista os quais queremos evidenciar. Iniciaremos nossa análise pela palavra *fumódromo*.

Segundo Pires (2014:100), *fumódromo* seria:

*(a) uma área destinada exclusivamente ao uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou de qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, devidamente isolada e com arejamento conveniente; (b) local onde as pessoas se reúnem para poderem fumar, geralmente cigarros provenientes do tabaco (legalizados).*

Deste modo, pelas definições apresentadas, o PONTO DE VISTA implementado está se referindo aos casos de quem faz parte do ato, ou seja, àqueles que fumam. Ilustraremos essa assertiva com as seguintes imagens:

*Space builders: os diferentes pontos de vista de fumódromo e homoagressor*

(4)



(5)



(6)



(7)

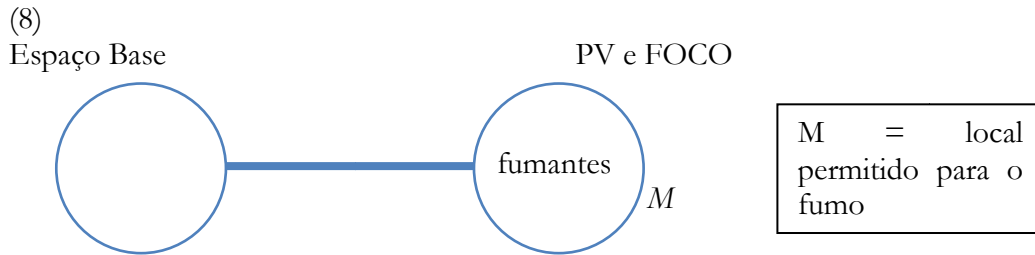


Nas figuras acima, podemos perceber que os primitivos discursivos operam em espaços distintos, haja vista que, a depender da imagem, FOCO, EVENTO e PONTO DE VISTA podem ou não estar juntamente à BASE.

Nas imagens (4) e (5), percebemos uma proximidade em termos de conceptualização, já que evocam *frames* parecidos. Em outras palavras, o enquadramento de ambos está relacionado à esquematização da experiência dos fumantes que entendem que os locais onde se encontram aquelas placas são ambientes propícios para a prática do fumo, indicadas por mensagens como “Local para fumantes” – figura (4) – e “É permitido fumar nessa área” – figura (5). Por essa razão, o PONTO DE VISTA e o FOCO passam a ser

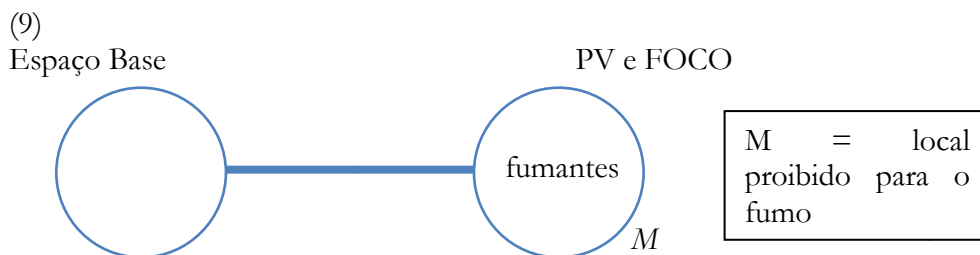
**José Augusto de Oliveira PIRES & Patrícia Affonso de OLIVEIRA**

deslocados da BASE, sendo representados em outro espaço mental. Eis a representação do espaço mental correspondente à nova situação:



Em (8), o PV e o FOCO não se encontram na BASE, em decorrência de o centro de conceptualização e a consciência do falante, assim como o espaço onde a sentença é construída serem deslocados para a percepção dos que entendem – os fumantes – que aquele seria um lugar possível para fumar.

Por sua vez, na figura (6), percebemos que, muito embora ainda esteja se referindo àqueles que fumam, a percepção desses não é mais de um lugar possível para fumar, e sim de um local proibido. Dito de outra maneira, o *frame* dessa imagem remete à cena de um ambiente não propício para se fumar, pois há uma placa indicativa de um ato que é proibido naquele local. A representação dos espaços mentais dessa situação é:



Em (9), novamente, percebemos o deslocamento tanto do PV quanto do FOCO em relação à BASE, todavia a conceptualização e a visão do falante são construídas a partir do entendimento de que não é mais de um ambiente próprio para o fumo, e sim um lugar proibido; o local não é destinado para se fumar. Sendo assim, a perspectiva passa a ser distinta da vista em (8).

Por último, na imagem (7), trata-se de uma caixa de areia na qual colocamos guimbas de cigarro. A partir disso, diferentemente de (8) e (9), a conceptualização não é representada pelos fumantes que entendem se tratar de um ambiente possível ou não para se fumar, mas sim de um local destinado para o depósito dos cigarros fumados, isto é, para as guimbas. Com isso, desta vez, o *frame* adotado permite a codificação e entendimento da cena não centrados nas pessoas, e sim no objeto utilizado pelas mesmas – cigarro – e onde ele é depositado – na caixa de areia –, demonstrando (a) que o PV e o FOCO são, uma vez mais, distintos de (8) e (9) e (b) os indivíduos passam a ser subfocalizados; fazem parte da cena, mas não são destacados.

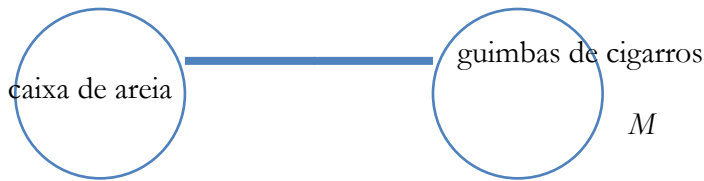
A representação do seu espaço mental é:

*Space builders: os diferentes pontos de vista de fumódromo e homoagressor*

(10)

Espaço Base

PV e FOCO



M = local de depósito de guimbas de cigarros

No esquema acima, tanto PV quanto FOCO são novamente deslocados da BASE. Desta vez, porém, a conceptualização não se dá a partir da visão do falante, como ocorreu nas situações anteriores; ocorre a partir do que é usado para fumar, no caso da figura, o cigarro. Portanto, o *frame* está baseado em uma espécie de metonímia: a cena se dá a partir da conceptualização do objeto utilizado – o cigarro – em detrimento da pessoa que o utiliza – o fumante – em que este passa a ser subfocalizado.

Se as figuras (4), (5), (6) e (7) são perspectivadas a partir de quem participa diretamente do ato em questão, ou seja, dos fumantes, as imagens (11) e (12) passam a ser designativas de quem é alheio ao processo; de quem não participa ativamente: dos não-fumantes. Eis as representações:

(11)



(12)

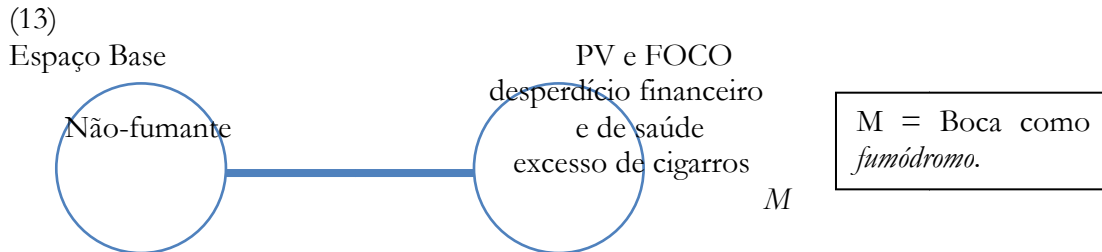


Em ambas, similar às representações anteriores, os primitivos discursivos operam em espaços distintos, porque FOCO e PONTO DE VISTA deslocam-se da base. No caso de (11), constatamos que o FOCO e o PONTO DE VISTA do não-fumante acerca do fumante são de que (a) este não só prejudica a sua saúde, como também desperdiça dinheiro e (b) a boca seria o *fumódromo*. Dito de outro modo, especificamente nesse *frame*, além de a conceptualização e a visão dos que não fumam evocarem a destruição do organismo dos fumantes pelo excesso de cigarros, evocam, também, o desperdício



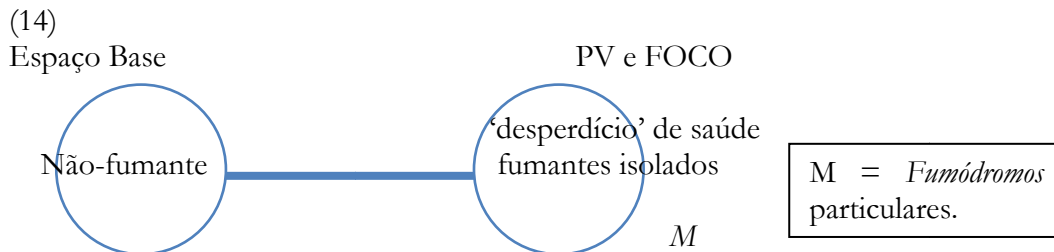
**José Augusto de Oliveira PIRES & Patrícia Affonso de OLIVEIRA**

financeiro. Ademais, o *fumódromo* deixa de ser um espaço genérico, designado para se fumar, passando a ser a própria boca do fumante. Além de pernicioso ao bem-estar físico, à qualidade de vida, em decorrência de um montante considerável de cigarros, é nocivo para a ‘saúde financeira’, já que se gasta muito para comprá-los, e o ‘ambiente bucal’ é o próprio lugar para o fumo. A partir disso, os espaços mentais representativos de (11) são:



Em (13), PV e FOCO são conceptualizados em *frames* que destacam (a) o excesso de cigarros fumado simultaneamente, (b) a concepção de que o *fumódromo* é a própria boca do indivíduo e (c) fumar seria um desperdício financeiro.

Por último, na figura (12), a visão de não-fumante é de que os fumantes deveriam permanecer enclausurados, em seus ambientes particulares, visando a não prejudicar a saúde alheia. Em outras palavras, a visão dos que não fumam é de que os fumantes deveriam ficar em ‘casulos’ próprios, para não comprometer o bem-estar e/ou qualidade de vida dos outros. Com isso, os *fumódromos* seriam cabines próprias, isoladas para a prática do fumo. A representação desse espaço mental é:



Em (14), o PONTO DE VISTA e o FOCO são conceptualizados pela visão dos não-fumantes, entendendo que existem locais para se fumar, no entanto, esses devem ser restritos, fechados para cada um dos indivíduos que fumam, pois não desejam ter contato com qualquer atividade relacionada ao tabagismo.

Feita a análise do vocábulo *fumódromo*, passemos à análise do recomposto *homoagressor*. Segundo Oliveira (2014:105) *homoagressor* é *aquele que agride a homossexuais*. No entanto, podemos verificar outros PONTOS DE VISTA para esse termo, já que *homoagressor* tanto pode ser aquele que agride a um ‘gay’ como também o homossexual que é agredido. Podemos ilustrar melhor com algumas figuras:

*Space builders: os diferentes pontos de vista de fumódromo e homoagressor*

(15)



(16)



(17)

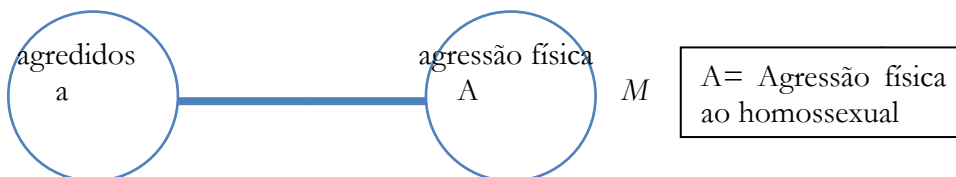


Em (15), (16) e (17), observamos a agressão do PONTO DE VISTA de quem sofre, embora os tipos de agressões sejam relativamente diferentes. Em (15), a violência é física; em (16), é moral; em (17), é não só física como também moral e verbal. Então, como podemos notar há vários tipos de violência. Assim, a BASE e o PV permanecem juntos no mesmo espaço nas três representações, da mesma forma que FOCO e EVENTO também ficam juntos, mas são deslocados para outro espaço. Dessa forma, o que muda é somente o tipo de agressão sofrida pelo homossexual: física (18), moral (19) e física, moral e verbal (20), respectivamente:

(18)

Espaço Base e PV

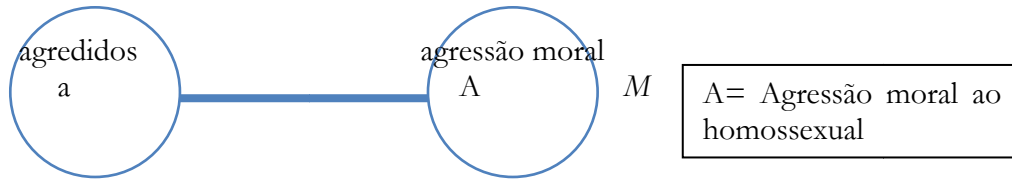
FOCO e EVENTO



(19)

Espaço Base e PV

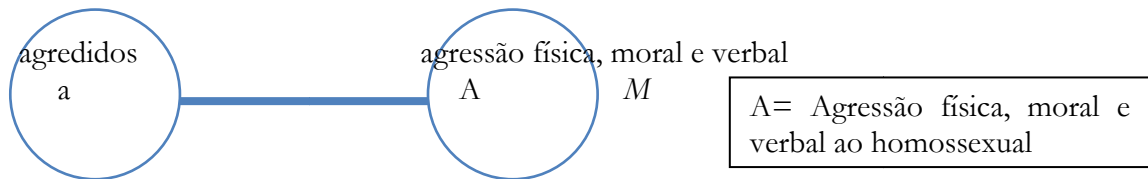
FOCO e EVENTO



(20)

Espaço Base e PV

FOCO e EVENTO



Podemos perceber que as três representações são parecidas mudando somente, na projeção, o tipo de violência sofrida.

Nas imagens, os *frames* evocados se dão sempre a partir da conceptualização e da visão de quem sofre a atitude coercitiva, já que as figuras demonstram que os agredidos:

(15) possui um curativo na testa e está com um hematoma no olho. Com isso, notamos que se trata de uma violência contra um homossexual, em decorrência de, no fundo da figura, haver a bandeira representativa do movimento gay;

(16) está sendo impedido, cerceado de exercer a sua homossexualidade e a liberdade de expressão, por isso constitui uma violência moral. Nessa imagem, assim como na anterior, é explícita a coercitividade ao homossexual, na medida em que a bandeira que o impede de se pronunciar é a bandeira que representa o movimento gay;

(17) a mulher possui hematomas no olho (agressão física) e está sendo impedida de falar (violência moral) assim como, simultaneamente, sofre agressão verbal, constatada pela mão do agressor em sua boca, o que constitui uma violência mais profunda, em razão de, além de ser gay, é uma mulher, caracterizando uma dupla agressão.

Constatamos, ainda, que, em (15) e (16), o enquadramento feito subfocaliza o agressor, haja vista que este está ausente da cena; visualizamos, apenas, o PONTO DE VISTA do agredido. No entanto, em (17), o agressor não se encontra subfocalizado, pois está na mesma cena que a agredida.

Se as figuras (15), (16), e (17) são projetadas a partir de quem sofre a agressão, as imagens (21) e (22) passam a ser perspectivizadas a partir de quem agride ao homossexual. Eis as figuras e representações:

*Space builders: os diferentes pontos de vista de fumódromo e homoagressor*

(21)



(22)



(23)



Em (21), (22) e (23), de fato, o PONTO DE VISTA apresentado está em consonância com a concepção adotada por Oliveira (2014: 115): *aquele que agride a homossexuais*. Para a autora, a perspectiva é de quem exerce a agressão, indo ao encontro das figuras anteriores, haja vista que o *homoagressor*, nos três casos, é aquele que pratica a violência em termos físicos, morais e verbais.

Sendo assim, em (21) e (22), os *homoagressores* são os pastores Silas Malafaia e Marco Feliciano, respectivamente. Os líderes religiosos, constantemente, fazem, na mídia, declarações e pronunciamentos nitidamente preconceituosos, agredindo tanto verbal quanto moralmente os homossexuais, como podemos observar com a fala (22): “*Os artistas são a favor do casamento gay; os intelectuais também são. Resta aos cristãos e conservadores de valores morais lutarem*”. **Twitter** – 20 de janeiro de 2013.

Por sua vez, na imagem (23), a agressão é física, na medida em que há a utilização de um utensílio (uma lâmpada fluorescente) para praticar a violência. A seguir, um trecho retirado da matéria do site g1 acerca da situação:

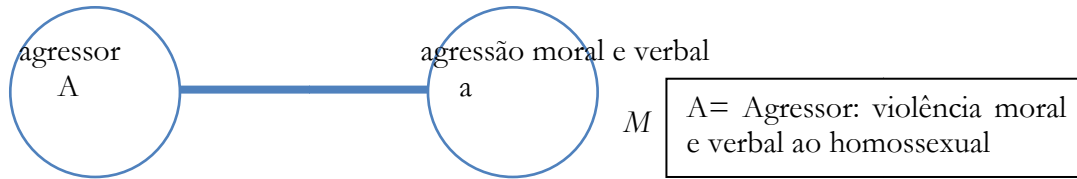
*Eram quatro menores e um rapaz de 19 anos, Jonathan Lanton Domingues. Segundo a polícia, Jonathan é o que aparece de bermuda nas imagens da câmera de segurança. Luís conta que outro jovem do grupo trazia duas lâmpadas fluorescentes na mão. De repente, um grito. “Na hora em que eu olho, ele já acerta com a lâmpada no meu rosto. Na hora em que eu coloquei a mão no rosto, já estava saindo sangue. Ele vem com a segunda, e eu me defendo. Os outros começaram a rir. E eu já vou para cima. Ele ainda taca o restante da lâmpada que estava na mão dele”, diz. –05/12/2010.*

Nas imagens, desta vez, os *frames* evocados se dão sempre a partir da conceptualização e da visão de quem pratica a atitude coercitiva, já que as figuras mostram os agressores. Eis a representação delas:

(24)

Espaço Base e PV

FOCO e EVENTO

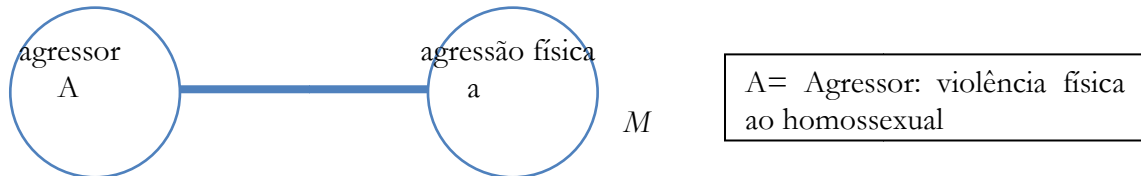


Em (24), os espaços mentais projetados são representativos das figuras (21) e (22), em que FOCO e EVENTO são deslocados da BASE, uma vez que apresentam agressão moral e verbal aos homossexuais, que, nesse enquadramento, estão subfocalizados, pois o PONTO DE VISTA está na BASE e é do agressor. A mesma representação, ou seja, o PONTO DE VISTA de quem agride, ocorre em (23) com a diferença de que o tipo de agressão é física:

(25)

Espaço Base e PV

FOCO e EVENTO



Constatamos que, em (25), a conceptualização desse *frame* se dá a partir do PONTO DE VISTA do agressor, subfocalizando o homossexual agredido fisicamente.

### MCI's EVOCADOS

Sobre os MCI's evocados nos diferentes PONTOS DE VISTA do vocábulo *fumódromo* e do recomposto *homoagressor*, podemos ressaltar a importância da esquematização do pensamento e do conhecimento nas situações verificadas. Isso porque os valores e as crenças compartilhados por membros pertencentes ao mesmo ambiente proporcionam a ativação de *frames* que, por sua vez, possibilitam a organização da realidade, que passa a ser compartilhada por indivíduos que se situam dentro de uma cultura e um tempo histórico específicos. Com isso, notamos a existência da estabilidade necessária para atuar como uma base cognitiva comum para a linguagem, já que a língua se apresenta enquanto um sistema organizado de pistas gramaticais para interpretar a fala do outro. Assim, o *fumódromo* passa a ser mais relevante culturalmente no momento em que há a promulgação da lei que proíbe o uso de cigarros em ambientes fechados. Com isso, nota-se a existência de lugares e estabelecimentos específicos onde se permite fumar. Da mesma forma, o recomposto *homoagressor* só ganha relevância cultural nas duas últimas décadas, haja vista que os direitos dos homossexuais passam a ser previstos em lei a partir da década de 90. Nesse sentido, percebe-se que os diversos significados que emergem tanto de *fumódromo* quanto de *homoagressor* são relacionados ao conhecimento enciclopédico, e não apenas linguísticos. Em outras palavras, significa dizer que apenas o conhecimento semântico não é o suficiente para abarcar os mais variados PONTOS DE VISTA concebidos nos vocábulos; necessita-se, pois, de extrapolação cognitiva de base sociocultural, armazenada na memória de longo prazo, uma vez que o significado não é inerente à palavra, e sim construído socioculturalmente. Constata-se, portanto, que todos os espaços mentais representados nesse trabalho são alimentados por MCI's e *frames* que, por sua vez, são localizados em termos sociais e culturais, evidenciando que a *linguagem*

*Cadernos do NEMP*, n. 7, v. 1, 2016, p. 59-72.

### *Space builders: os diferentes pontos de vista de fumódromo e homoagressor*

*visível é a ponta do iceberg da construção invisível do significado que tem lugar enquanto falamos e pensamos* (FAUCONNIER *apud* FERRARI, 2011:109).

### 3. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como principal intuito fazer uma discussão acerca do vocábulo *fumódromo* e do recomposto *homoagressor*, assim como seus significados em PONTOS DE VISTA variados, alternativos. Por entender que a literatura mais tradicional não se propõe a realizar um estudo mais reflexivo sobre o assunto, assim como um melhor entendimento do sentido como um todo, um novo panorama teórico também se faz necessário. Por esse motivo, ressaltamos a importância da adoção da *Teoria dos Espaços Mentais*, dos discursivos primitivos e das noções de *Frame* e *Modelo Cognitivo Idealizado – MCI* – para uma descrição mais adequada e satisfatória.

De modo sintético, tal panorama teórico possibilitou (a) a correspondência entre os espaços iniciais e suas projeções, (b) os discursivos primitivos, os quais permitem a transitoriedade e a flexibilidade no que concerne ao significado construído, evocado e (c) as noções de *frame* e *MCI*, colaborando de maneira considerável para percebermos a importância das perspectivas socioculturais que foram implementadas para os novos PONTOS DE VISTA dos vocábulos *fumódromo* e *homoagressor*.

Dessa maneira, tentamos demonstrar como se constitui a estrutura que permitiu a configuração dessas novas formações; as motivações que possibilitaram um melhor entendimento do significado de ambas fora de uma perspectiva mais convencional. Também ponderamos a importância significativa das percepções culturais e físicas humanas que colaboraram diretamente para a constatação da língua enquanto um processo, e não um produto. Assim, concebemos PONTOS DE VISTA diferentes, já que palavras não portam significados, e sim ativam, pois são instruções para processamento. Concluímos que existe uma escassez do significante em relação ao significado, de modo que este é, apenas, a ‘ponta do iceberg’ dos processos cognitivos envolvidos.

Vale ressaltar que, muito embora tenhamos nos detido às palavras em questão, devemos ponderar que a contemplação das perspectivas teóricas adotadas possibilitam a implementação dessas conceituações para outros vocábulos que contenham o sufixo -*ódromo* e o afixoide *homo-*. Dessa forma, consideramos que a análise feita no presente trabalho se trata, de fato, de um estudo ainda em construção, em que diversas outras considerações podem – e devem – ser feitas em outras palavras, com o propósito de melhor contemplação e observação de visões ainda mais ampliadas acerca do assunto.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa – digital*. São Paulo: Lexikon, 2009.
- AURÉLIO, Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3ª ed. Atualizada. 1ª. impressão Editora Positivo. Positivo informática Ltda, 2004.
- AURÉLIO, Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2010.

**José Augusto de Oliveira PIRES & Patrícia Affonso de OLIVEIRA**

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

----- *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Nova Fronteira, 1986. Rio de Janeiro.

----- *Dicionário etimológico*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUTRER, M. *Time and tense in narratives and everyday language*. Ph. D. Dissertation. University of California, San Diego, 1994.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

----- *Mappings In Thought And Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, Lilian. *Introdução à lingüística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

----- *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso lingüístico à tecnologia/ Lilian Ferrari (organizadora)*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.

FILLMORE, C. Frame semantics. In: Linguistic Society Of Korea (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. PP. 111-137.

FURTADO, Lilian Ribeiro. *Análise semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português – Lilian Ribeiro Furtado – Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2010.*

GÓIS, Carlos. *Dicionário de Raízes e Cognatos da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: P. de Azevedo, 1945.

HECKLER, Evaldo et al. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. Porto Alegre: UNISINOS, 1981.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão monusuário 3.0. Objetiva, 2009.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.

MICHAËLLIS, C. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2012.

OLIVEIRA, Patrícia Affonso de. *O Estatuto Morfológico dos formativos Eco- e Homono Português Brasileiro*. 2014. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Patrícia Affonso de. *A Morfologia Construcional e a Recomposição*. Anais do II Colóquio Brasileiro de Morfologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

PIRES, José Augusto de Oliveira. *O Estatuto Morfológico do formativo -dromo no Português Brasileiro/ José Augusto de Oliveira Pires*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2014.

ROCHA LIMA. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 48ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/12/pensei-que-ia-morrer-diz-jovem-agredido-com-lampada-na-paulista.html>

## SPACE BUILDERS: THE DIFFERENT VIEWS OF FUMÓDROMO AND HOMOAGRESSOR

**Abstract:** *This article aims to make an analysis of the representations that the meanings of the formative -ódromo and -homo, more specifically the terms fumódromo and the homoagressor, can activate according to the circumstance in which they are inserted, from different points of view adopted. We use as theoretical framework the Theory of Mental Spaces (FAUCONNIER, 1994, 1997) and some of its basic conceptions; to know, Base, Focus, Event, and Point of View (CUTRER, 1994), as well as the notions of Frame (FILLMORE, 1982) and Idealized Cognitive Model - MCI (LAKOFF, 1987). Considering that the descriptions of -ódromo and -homo in the more traditional literature do not satisfactorily contemplate the new possibilities of construction, our intention is to demonstrate the importance of a theoretical perspective that details more effectively.*

**Key-words:** *MCI, Mental Spaces, Frame, Constructions, -homo, ódromo.*